

TEXTUALIDADE EM LIVROS DE AUTO-AJUDA

Ernani Terra*

Resumo: Neste artigo, procuramos mostrar como se constitui a textualidade em dois textos do gênero auto-ajuda. Com fundamento na Linguística Textual, analisamos duas obras, *Você é insubstituível*, de Alberto Cury (2002), e *Tudo ou nada*, de Roberto Shinyashiki (2006), e pudemos constatar que nelas a aceitabilidade está relacionada à forma com que os autores trabalham a informatividade e a intertextualidade.

Palavras-chave: Textualidade; informatividade; intertextualidade.

INTRODUÇÃO

Os livros de auto-ajuda representam um fenômeno editorial. Excetuando os didáticos, é o segmento editorial que mais vende livros no Brasil. Pesquisa publicada pela Unesco revela que 23,8% dos professores brasileiros consideram esse tipo de livro como os mais interessantes para serem lidos em seu tempo livre. Para alguns alunos, trata-se do único gênero de livro que lêem.

O tema deste artigo é a questão da textualidade em livros de auto-ajuda, e o objetivo é investigar como se processa a aceitabilidade desses textos por parte dos leitores.

Na medida em que se autoneameiam *livros de auto-ajuda*, essas obras já sinalizam aos recebedores o que irão encontrar no texto. Em geral, esse tipo de obra costuma propor soluções para a resolução de problemas de natureza diversa. Podemos falar, portanto, em vertentes de auto-ajuda: espiritual, empre-

* Mestrando em Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Autor de livros didáticos e paradiáticos.

sarial, sentimental, educacional, sexual etc. Embora tratem de assuntos diversos e de maneiras diversas, esses livros têm algumas características que lhes são iminentes: o caráter pragmático, a argumentatividade e a valorização do leitor.

O discurso de auto-ajuda, de uma forma geral, sustenta que o segredo para que qualquer um consiga melhorar de vida, alcançar o sucesso, ganhar muito dinheiro, etc. está na crença incondicional na realização dos sonhos, do projeto de vida, dos desejos etc. Assim, quem acredita que vai conseguir, consegue e quem duvida, não (BRUNELLI, 2004, p. 7).

Nessas obras, o autor espera do leitor uma adesão, uma concordância em relação ao que expõe, relata ou aconselha. O texto tem autor definido, mas o *outro* é indeterminado, daí o caráter monológico desse tipo de texto.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A metodologia empregada foi a análise, com fundamentação teórica na Lingüística Textual, dos fatores de textualidade de dois livros de auto-ajuda de grande aceitação pelo público.

Por *textualidade*, consideramos com fundamento em Beaugrande (1997, p. 38) que ela “é não só a qualidade essencial a todos os textos, mas é também uma realização humana sempre que um texto é textualizado, isto é, sempre que um artefato de marcas sonoras e escritas é produzido ou que recebe o nome de texto”. São fatores de textualidade: intencionalidade, aceitabilidade, situacionalidade, informatividade, intertextualidade, coesão e coerência.

A pesquisa teve natureza qualitativa. Do grande número de obras do gênero, selecionamos duas que nos pareceram representativas. A seleção foi feita com base em três critérios relevantes:

- Inicialmente, consideramos que a análise não deveria recair sobre textos de um único autor, dada a variedade de estilos de auto-ajuda.
- Em segundo lugar, optamos por trabalhar com fontes primárias, por isso deixamos de lado traduções de *best-sellers* estrangeiros.
- Por último, escolhemos textos que tivessem comprovada aceitação. Para a observância desse critério, escolhemos obras que tiveram vendas significativas e que apareceram nos *rankings* das mais vendidas da categoria, conforme publicado em jornais e revistas de grande circulação.

A observância desses critérios permitiu-nos restringir o *corpus* a ser investigado, sendo estes os livros analisados:

1. *Você é insubstituível*, de Augusto Cury (2002).

Trata-se de um livro em formato 10,5 cm de largura por 15 cm de altura, com 112 páginas, portanto um livro bastante pequeno.

Essa obra pretende ser uma biografia do próprio leitor, apresentando-o sempre como um vencedor em todas as situações. O recurso que o autor usa é narrar a vida do leitor identificando-o com o espermatozóide que o originou. Esse espermatozóide conseguiu vencer uma corrida em que suas chances eram 0,000.000.04; isso, portanto, “prova” que o leitor nasceu predestinado a vencer

qualquer obstáculo por maior que seja. O livro pretende vender a idéia de que a felicidade e o sucesso estão na emoção, e é preciso trabalhar e educar a emoção.

2. *Tudo ou nada*, de Roberto Shinyashiki (2006).

Trata-se de um livro em formato 14 cm de largura por 17 cm de altura, com 152 páginas, estruturado em 8 capítulos, além de uma introdução e uma conclusão.

A idéia desenvolvida é que, em determinadas situações da vida, as pessoas têm de tomar decisões bruscas. Adiar ou não tomar decisões é causa de sofrimento, desespero, insatisfação, depressão, enfim, de todos os males.

Diferentemente do que ocorre em *Você é insubstituível*, *Tudo ou nada* relata experiências pessoais do autor e de pessoas próximas a ele. A argumentação recorre a intertextos como forma de comprovação de pontos de vista apresentados.

ÁVALIAÇÃO DAS OBRAS ANALISADAS

As lojas virtuais costumam deixar um espaço para que os clientes avaliem o produto que compraram, dando-lhe uma nota, podendo também fazer comentários. Verificamos a avaliação das obras analisadas neste artigo nos sites das lojas virtuais *Submarino* e *americanas.com*. Os dados apresentados referem-se à coleta que fizemos em 5 de outubro de 2007.

Você é insubstituível: 31 avaliações

excelente	ótimo	bom	regular	ruim
22	4	3	0	2

Em termos percentuais, 90,32% dos leitores consideraram o livro excelente/ótimo, e apenas 6,45% o consideraram ruim.

Tudo ou nada: 19 avaliações

excelente	ótimo	bom	regular	ruim
16	3	0	0	0

Por essa amostra, 100% dos leitores consideram *Tudo ou nada* excelente/ótimo.

Os depoimentos de leitores mostram que, além de gostarem das obras, consideram-nas de alta qualidade e relevância. Nas avaliações, são freqüentes expressões como “gostoso de ler”; “linguagem fácil”; “cheio de verdades”; “o melhor livro que já li”; “não é livro para ser lido uma única vez”; “impossível inter-

romper a leitura”; “simplesmente fantástico”. Chamou-nos a atenção que diversos leitores-avaliadores sugerem os livros analisados neste artigo como “ótima dica para presente”.

A TEXTUALIDADE NAS OBRAS ANALISADAS

Começemos nossa análise dos fatores de textualidade pela obra *Você é insubstituível*, de Augusto Cury. Entremos no livro por um fragmento de sua primeira página, que a seguir reproduzimos, e tentemos descobrir a regra de seu jogo.

Todo ser humano passa por turbulências em sua vida. A alguns falta o pão na mesa; a outros, a alegria na alma. Uns lutam para sobreviver. Outros são ricos e abastados, mas mendigam o pão da tranquilidade e da felicidade.

Que pão falta em sua vida? (CURY, 2002, p. 7)

As frases, excetuando a última, são afirmativas e sem a presença de modalizadores. Ao se valer desse recurso, o autor esconde a origem das afirmações, de modo que, aparentemente, temos enunciados que se dizem por si sós, o que vem a contribuir para dar credibilidade para o que se diz. Segundo Brunelli (2004, p. 21), trata-se de

[...] um recurso que confere credibilidade ao conteúdo desses enunciados, pois esses se apresentam como afirmações que independem do falante, ou melhor, de sua avaliação. Com isso, esses enunciados afirmativos podem ser mais aceitáveis para os interlocutores.

Para Koch (2006, p. 41), “a informatividade diz respeito, por um lado, à distribuição da informação no texto, e, por outro, ao grau de previsibilidade/redundância com que a informação nele contida é veiculada”.

Há no texto analisado um equilíbrio entre informação dada e informação nova. Verificamos um grau médio de informatividade, o que facilita o processamento do texto. Para o processamento de informações novas, não se exige conhecimento especializado: os conhecimentos prévios a serem ativados são os de um leitor comum. Mesmo o uso de uma linguagem figurada não é obstáculo à compreensão. No trecho que abre o livro, o emprego metonímico de *pão* em substituição a “alimento do corpo ou da alma” é um clichê. O apelo a clichês – sejam eles em forma de palavras ou de frases feitas – é recorrente na obra.

O uso de indefinidos, retomando num processo anafórico o sintagma nominal que abre o texto, confere coesão ao trecho. As anáforas retomam sempre referentes que ainda estão na memória de curto termo, exigindo pouco da capacidade metacognitiva do leitor.

A pergunta que encerra a primeira página é estratégica para estabelecer o equilíbrio entre informação conhecida e informação nova. O leitor é convidado a entrar no livro, a dialogar com ele, a trocar idéias com seu autor. Na verdade, esse “diálogo” é aparente, porque somente a voz do autor será ouvida por meio de frases afirmativas. Na medida em que não há espaço para a manifestação da voz do leitor, configura-se um discurso autoritário, monológico e monossêmico. Às perguntas eventualmente deixadas no final de página, sucedem imediatamente respostas afirmativas na página seguinte. Por meio dessa estratégia, o leitor não precisa ele próprio responder às perguntas, porque o autor o faz em

nome dele. Essas perguntas têm função retórica e se configuram importante estratégia persuasiva.

Ao lado de frases feitas coexistem conceitos pressupostamente novos que o autor exprime em linguagem que pretende parecer técnica ou científica.

“A vida é belíssima, mas não é simples vivê-la.” (p. 25)	×	“[...] fazer um <i>stop</i> introspectivo [...]” (p. 79)
“Nosso mundo está dentro da casca de uma noz.” (p. 71)	×	“O fenômeno RAM tornou-se o artesão de sua inteligência.” (p. 55)
“Temos de aproveitar as oportunidades que a vida oferece.” (p. 96)	×	“[...] a síndrome SPA, a síndrome do pensamento acelerado.” (p. 81)
“A beleza está nos olhos de quem a vê.” (p. 93)	×	“[...] foi envolvido numa bolsa de líquido amniótico.” (p. 49)

Antes mesmo de ler as primeiras frases do primeiro capítulo, o leitor já sabe o que encontrará pela frente. Texto de quarta-capa, subtítulo, prefácio já deixam clara para o leitor a intenção do autor. E quem é esse leitor que Cury (2002) pretende que aceite seu texto? São homens, mulheres, crianças, adultos, idosos, adolescentes, conforme podemos observar nos exemplos: “Se você é uma criança, não queira crescer rapidamente” (p. 92); “Se você é adolescente, não viva uma crise de insatisfação” (p. 93); “Se você é um adulto, não aja por instinto, como agiu no começo da vida” (p. 94); “Se você é uma pessoa idosa, deixe a sabedoria vestir a sua inteligência” (p. 95).

Para Costa Val (1999, p. 27), “a *intencionalidade* concerne ao empenho do produtor em construir um discurso coerente, coeso e capaz de satisfazer os objetivos que tem em mente numa determinada situação comunicativa”. A intenção em *Você é insubstituível* não é diferente de outros livros do gênero: levantar a auto-estima do leitor. Para tanto, o autor coloca o leitor numa situação de ser único, insubstituível.

O livro de Cury (2002), como se depreende do subtítulo – “Este livro revela sua biografia” – propõe contar a vida do leitor, que é apresentado como “alguém que possui uma capacidade descomunal de lutar pela vida e que um dia foi o maior vencedor da Terra, o mais corajoso dos seres” (p. 26). Essa valorização do leitor é recorrente no texto, daí a presença de hipérbolos e uso de superlativos nas referências ao leitor: “Você descobrirá alguns fatos relevantes que o tornaram um dos maiores vencedores do mundo” (p. 5); “Sinto-me honrado em tê-lo como leitor” (p. 32); “Você sabia que foi o maior alpinista do planeta?” (p. 36); “Você bateu todos os recordes imagináveis de nado livre” (p. 46); “Você deveria estar na página do livro dos recordes” (p. 47); “[você] Brilhou tanto, que merecia o Oscar, o Nobel e todos os prêmios do mundo que promovem a criatividade, a competência e a perseverança” (p. 99); “Se você não existisse, o universo não seria o mesmo” (p. 107).

Outro fator de textualidade presente no texto de Cury é a intertextualidade. As referências a outros textos são ora diretas, ora indiretas. Cury (2002, p. 16) afirma: “Porque há mais mistérios entre a emoção e a razão do que jamais sonhou a mente dos filósofos”, numa clara alusão à fala de Hamlet a Horácio no texto de Shakespeare. No caso, temos aquilo que Koch (2006) denomina *intertextualidade implícita*. Ocorrências de intertextualidade explícita podem ser observadas nas seguintes passagens: “olhai os lírios do campo” (p. 23); “a água nunca discute com seus obstáculos, mas os contorna” (p. 69), além de referências diretas à obra *Romeu e Julieta* de Shakespeare.

Passaremos agora a comentar os recursos de textualidade da obra *Tudo ou nada*.

A linguagem de Shinyashiki (2006) não é grandiloquente e hiperbólica como a de Cury. De estilo comedido, o autor tenta convencer pela racionalidade dos argumentos e pela exemplificação. Embora com estilo diferente, a proposta de Shinyashiki não difere da de Cury: recuperar a energia vital das pessoas.

Como fizemos na análise do texto de Cury, entremos no livro de Shinyashiki pelo início, que reproduzimos a seguir:

Sabemos que todos nós, em algum momento de nossa vida, somos obrigados a partir para o tudo ou nada. São instantes em que precisamos tomar uma decisão rápida para não perder o passarinho que nossa filha encontrou. De repente descobrimos que é a hora de fazer uma mudança radical na vida ou percebemos que chegou o tempo de pôr em prática, para valer, alguma ação já resolvida há décadas, como montar o nosso próprio negócio.

Nesses momentos, não importa se a gente precisou de anos, dias, meses, horas ou segundos para decidir o que fazer, sempre estaremos diante do inesperado, pois, qualquer que seja a situação, a gente vai pisar em terreno novo ao partir para o tudo ou nada (SHINYASHIKI, 2006, p. 13).

O uso da primeira pessoa do plural tem a função de estabelecer a comunhão autor/leitor; trata-se de recurso persuasivo que visa à adesão do leitor aos argumentos que serão apresentados. No decorrer do livro, ele não abordará problemas que são exclusivos do leitor, mas os *nossos* problemas. De fato, o tempo todo Shinyashiki recorre a problemas pessoais, bem como de familiares e amigos. Diante deles, para o autor, só há uma saída: partir para o tudo ou nada.

É preciso que se esclareça a referência que o autor faz no primeiro parágrafo: “o passarinho que nossa filha encontrou”. Trata-se de uma expressão anafórica que retoma um fato narrado na introdução. Em resumo, o autor relata que estava em casa quando sua filha de quatro anos o chama para ver um passarinho. Ele faz algumas coisas, demora alguns minutos e depois vai ver o passarinho, que, a esta altura, já tinha ido embora para a tristeza da filha e dele. O “passarinho da filha” é a expressão nominal que rotula uma seqüência de ações relatadas na introdução. Esse objeto de discurso é introduzido no texto e passa a ser, segundo Koch (2006), “um endereço cognitivo’ na memória do interlocutor” e que será referenciado no decorrer do texto, para ativar a idéia de que decisões têm de ser rápidas.

O outro objeto de discurso fundamental no texto de Shinyashiki é o *tudo ou nada*. Trata-se de uma referência a diversos fatos narrados que exigem uma tomada de decisão imediata, escolhendo uma entre duas ações possíveis. Sem-

pre que o autor faz referência a algum problema que possa ser vivido pelo leitor, associa a resolução do problema a uma atitude de tudo ou nada.

Shinyashiki, assim como Cury, dirige sua fala a um público bastante heterogêneo: pessoas que rompem relações amorosas, que mudam de emprego ou profissão, adolescentes que pretendem sair de casa. As situações e as pessoas nelas envolvidas são as mais diversas, mas a solução apresentada será sempre a mesma: tomar uma decisão rápida. A frase que sintetiza a idéia do livro é “viver é aprender a fascinante arte de arriscar” (SHINYASHIKI, 2006, p. 32).

A referência ao risco é sempre retomada no transcurso da obra. São expostas diversas situações-exemplo, grande parte delas vividas pelo autor ou seus amigos e familiares, diante das quais se tem de tomar uma decisão imediata: tudo ou nada. Nas situações-exemplo apresentadas, ora se tomou a decisão e o sucesso foi alcançado; ora a decisão não foi tomada e, em conseqüência, o sucesso não veio. O tom maniqueísta do livro, que começa pelo título, é a regra: tomar decisão implica sucesso; não tomá-la, fracasso. Não há meio-termo.

A informatividade do texto de Shinyashiki (2006) é bem construída. O sabido é apresentado por meio de clichês, ditados e expressões populares e de afirmações óbvias: “abraçar um novo emprego como se essa fosse a última oportunidade de sua vida” (p. 22); “correr atrás de nossos objetivos com a determinação de um faminto que anseia por um prato de comida” (p. 22); “dançar a música da vida” (p. 22), “romper as grades da gaiola”; (p. 22); “cada um é responsável por seus atos” (p. 41); “não dá para fazer uma omelete sem quebrar os ovos” (p. 42); “Ninguém está 100% seguro na vida” (p. 102); “Ninguém está livre de sentir dor” (p. 102); “chutar o pau da barraca” (p. 69).; “dar com os burros n’água” (p. 69).

As informações novas são quase sempre relatos pessoais que ilustram situações em que, segundo o autor, decisões devem ser tomadas: é a história do passarinho da filha, a história da mãe que teve um câncer, a história do filho mais velho que possuía uma doença neurológica gravíssima, o chefe que o promoveu a cirurgião responsável, a separação de um casal de amigos, a paixão não declarada por uma colega de cursinho. Tais relatos fazem referência a problemas de origem vária e a pessoas bem diferentes: frustração (o passarinho da filha de quatro anos); doença (o câncer da mãe e a doença do filho mais velho); profissional (o chefe que o promoveu); afetiva (separação de um casal amigos e paixão do autor não declarada).

Ao expor problemas pessoais, o autor não só se identifica com o leitor, mas também cria um *ethos* que o legitima a propor-lhe soluções para seus problemas. Para reforçar a constituição desse *ethos*, o autor se coloca ainda como pessoa que é possuidora de um saber e de uma verdade que o legitimam a apresentar soluções para problemas alheios, na medida em que se apresenta como médico psiquiatra, pós-graduado, doutorando em administração de empresas na USP e autor de uma série de livros.

Mas apresentar-se como detentor de um saber e dar conselhos baseados apenas em experiências pessoais ou apoiados no senso comum, por si sós, não são recursos suficientes para garantir a persuasão e a aceitabilidade. Como fatores constitutivos de textualidade, observamos na obra de Shinyashiki que informatividade e intertextualidade se complementam na medida em que informações novas são em geral apresentadas por meio de diálogo com outros textos.

A intertextualidade se dá em quatro vertentes:

1. apelo a textos religiosos, místicos e fábulas: “Uma antiga história zen conta que, há muito tempo atrás, havia dois povoados em certa região montanhosa do Nepal [...]” (p. 33); “Existe uma história muito bonita que ouvi na Índia e pode nos ensinar muito [...]” (p. 112); *A raposa e as uvas*, de Esopo (p. 96);
2. apelo a textos de filmes e canções: “No filme *2 filhos de Francisco*, o pai de Zezé de Camargo e Luciano [...]” (p. 44); letra da música *Jura secreta*, de Sueli Costa e Abel Silva (p. 119).
3. apelo à biografia de pessoas ilustres e vencedoras em suas áreas: narração da história do tenista chileno Marcelo Rios, que tomou a decisão de parar os estudos para se dedicar ao tênis e chegou a ser o nº 1 do mundo no *ranking* da ATP (p. 71-72);
4. apelo a depoimento de pessoas que detêm conhecimentos sobre o assunto discutido, pesquisas e trabalhos de divulgação científica: “Pesquisas desenvolvidas pelo professor de Psicologia da Universidade do Texas” (p. 43) “Um dia destes eu ouvi um terapeuta chamado Prem Milan falar sobre [...]” (p. 46); “O mitólogo americano Joseph Campbell estudou história dos antigos mitos” (p. 46); “o professor Edvaldo Pereira Lima, da Escola e Comunicações e Artes, da USP, adaptou essa abordagem [...]” (p. 53); “O jornalista Mario Rosa mostra, em seu livro *A síndrome de Aquiles* [...]” (p. 83).

Essas relações intertextuais, além de garantirem a informatividade, têm o condão de corroborar os relatos de ordem pessoal.

CONCLUSÃO

Nas obras analisadas, a textualidade decorre não só da presença dos princípios de textualidade apontados por Beaugrande (1997), mas também da argumentatividade, que consideramos também como fator de textualidade. A coerência dos textos analisados não é apenas um dos fatores de textualidade, mas é decorrente da confluência dos demais fatores e determinada pelo contexto sociocognitivo construído pelo interlocutor na interação.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. M. *Estética da criação verbal*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BEAUGRANDE, R. *New foundations for a science of text and discourse: cognition, communication and freedom as access to knowledge and society*. Norwood: Ablex, 1997.

BRUNELLI, A. F. “*O sucesso está em suas mãos*”: análise do discurso de auto-ajuda. 2004. Tese (Doutorado) – Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

COSTA VAL, M. da G. *Redação e textualidade*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

CURY, A. J. *Você é insubstituível: este livro revela a sua biografia*. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.

KOCH, I. G. V. *Introdução à lingüística textual: trajetória e grandes temas*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

KOCH, I. G. V.; BENTES, A. M.; CAVALCANTE, M. M. *Intertextualidade: diálogos possíveis*. São Paulo: Cortez, 2007.

O PERFIL DOS PROFESSORES BRASILEIROS: O que fazem, o que pensam, o que almejam. Pesquisa Nacional Unesco. São Paulo: Moderna, 2004.

SHINYASHIKI, R. *Tudo ou nada*. 5. ed. São Paulo: Gente, 2006.

TERRA, Ernani. Textuality in self-help books. *Todas as Letras* (São Paulo), volume 10, n. 1, p. 121-129, 2008.

*Abstract: In this article, we try to answer the following question: how is textuality constituted in two texts belonging to the genre called self-help books? With a basis in Text Linguistics, we analyzed two works, *Você é insubstituível*, by Alberto Cury, and *Tudo ou nada*, by Robert Shinyashiki and could verify that their acceptability is related to the way the authors work with the informativeness and the intertextuality.*

Keywords: Textuality; informativeness; intertextuality.